A Presentificação do Passado na Formação Discursiva do Sem-Terra: Um Exercício de Memória

Cleudemar Alves Fernandes [1]

Resumo:

Este estudo pretende mostrar como a presença de diferentes tempos e espaços físico-sociais na formação discursiva do Sem-Terra explicita um espaço de memória discursiva.

Abstract:

This paper aims shows that the presence of different physical and social spaces in the landless discursive formation makes explicit a space of discursive memory.

Considerações Iniciais

Todo discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros que, na totalidade do tempo, transformam e modificam-se. Assim, uma formação discursiva dada apresenta elementos vindos de outras formações discursivas que, por vezes, contradizem, refutam-na. Na dispersão de discursos e acontecimentos, na descontinuidade, na contradição e negação do que se pode dizer somente em determinada época e/ou lugar, encontra-se a unidade do discurso. Em uma acepção foucaultiana, todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e sucedem e caracteriza-se pela contradição.

Isto posto, o estudo que ora se apresenta destina-se à explicitação de diferentes tempos e espaços físico-sociais presentificados na formação discursiva do Sem-Terra do Triângulo Mineiro.[2] Para a

[1] Doutor em Semiótica e Lingüística Geral pela USP; professor de Lingüística: Análise do Discurso no ILEEL/UFU; membro do grupo de pesquisas em Análise do Discurso da UNESP-CAr (GEADA) e da UFU (GPAD).

[2] O material (entrevistas) utilizado para análise neste estudo constitui *banco de dados* do projeto de pesquisa *Interação Social e Formação Discursiva do Sem-Terra* – ILEEL/UFU –, em que se analisa a formação discursiva do Sem-Terra. As entrevistas constantes desse *corpus* foram, gentilmente, cedidas pela professora Luzia Márcia Resende Silva (Silva, 1996).

realização da análise, abordar-se-ão os dêiticos[3] espaciais e temporais como os marcadores discursivos, buscando, a partir do emprego dessas categorias lingüísticas, verificar como um tempo passado, vivido pelos sujeitos em questão e retomado pela memória, é re-significado na formação discursiva do Sem-Terra.

Considerando que pessoa, espaço e tempo são indissociáveis no âmbito do discurso, os dêiticos foram escolhidos como os marcadores discursivos para a análise, por possibilitarem o resgate do percurso interacional dos sujeitos entrevistados, situando-os, cronológica e topograficamente, em diferentes espaços físicos e sociais e em diferentes momentos nos quais interagiram e interagem. Como observa Alston, apud Lahud (1979: 68), "trata-se de palavras que, embora tenham uma significação constante, mudam sistematicamente, de referência conforme as mudanças nas condições de elocução".

A análise do discurso, tendo os dêiticos como os marcadores discursivos, deve considerar a inserção do sujeito no próprio discurso, nos lugares e tempos referidos e resgatados, a forma de existência dos sujeitos, integrando os sentidos produzidos no discurso pelas referências a espaço e tempo, visto que esses elementos não são apenas físicos, são também sociais. Trata-se da explicitação das condições de produção desses sujeitos, dos aspectos discursivos e ideológicos que possibilitam observar e resgatar suas formações discursivas, porquanto os dêiticos não efetuam somente referência indicando o lugar e o tempo, reportam-se ao evento, ao tipo de encontro, à organização histórico-social.

As transformações histórico-sociais, sofridas pelos sujeitos, levam a novas condições de produção do discurso. Como argumenta Gregolin (1997: 56), "a interpretação de temas re-significados mostra que o discurso, a História e a memória constróem movimentos de sentidos", e analisar o discurso implica fazer aparecer objetos, e enunciações que aparecem e desaparecem, coexistem e transformam-se em um espaço discursivo e possibilitam, ainda, verificar a presença de certos temas em dada formação discursiva.

---

[3] *Grosso modo*, tratam-se de categorias lingüísticas empregadas para efetuar referência, como os pronomes demonstrativos, de elementos lingüísticos que situam os sujeitos no espaço e no tempo.

A Presentificação do passado: novos sujeitos e outros discursos

Reitera-se, inicialmente, que práticas discursivas constituem práticas sociais, e o discurso envolve condições histórico-sociais de produção que incluem o contexto histórico-social e ideológico, incluindo, também, as condições de produção de bens materiais e a (re)produção das próprias condições de produção. O lugar histórico-social em que os sujeitos enunicadores se encontram envolve o contexto e a situação e *intervém a título de* condições de produção do discurso. Não se trata da realidade física e sim de um objeto imaginário socioideológico. Acerca das formações discursivas (FD), Pêcheux (1990: 314) argumenta: "uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadido' por elementos que vêm de outro lugar". Trata-se, acrescenta Orlandi,

> *de alguma coisa mais forte - que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua, que vai se historicizando* (...) *marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder.* (1999:32)

Acerca da memória, Pêcheux (1999:11) ainda observa: "a estruturação do discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social". Essa memória constitui-se de experiências comuns aos sujeitos integrantes de um mesmo grupo, com base em suas vivências, no que foi sentido, enfim, experimentado. É, portanto, uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais. Um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, em contraposição a outros discursos.

Procedendo à análise, buscar-se-á apreender a forma de existência dos sujeitos entrevistados, no passado, para o qual, unanimemente, apontam, tendo em vista os aspectos socioculturais característicos dessa existência e a re-significação desse passado no presente.

Seguindo essa proposição, observe-se o fragmento abaixo.

Fragmento 1

> *a gente na lavoura aqui tava até disacustumado de trabaiá engrupado ... que antigamente tinha o sistema mutirão a demão que se tornava tudo uma traição ... coisa só mais... tinha nomes diferentes ... intão hoje nois tá quereno revivê aquele tempo só aqui* (S1/p.11)

O momento social presente, indicado pelo dêitico *aqui* (primeira linha do fragmento), leva o sujeito, na enunciação, a situar-se no tempo passado, expresso pelo uso do advérbio temporal *antigamente*. Essa rememoração do passado deve-se à organização do trabalho no presente, que visa a resgatar as formas de organização daquela época para a estruturação social do espaço em que se encontram. O desejo de reviver o passado, como refletem os dêiticos temporais *hoje*, *aquele tempo* e o dêitico espacial *aqui*, já no final do fragmento, expressa-se vinculado às informações acerca das semelhanças entre as formas de trabalho implantadas no acampamento e aquelas experimentadas quando esses sujeitos possuíam, no campo, condições de produção consideradas satisfatórias. Essas maneiras de organização do trabalho implicam o trabalho coletivo, no presente, e apresentam acentuado aspecto político-ideológico na definição da situação do grupo.

Quanto ao passado revisitado pelo enunciador, encontravam-se manifestações de solidariedade entre os integrantes do mundo agrícola traduzidas em formas de colaboração no trabalho. No fragmento acima, o enunciador refere-se a mutirão, a demão e a traição, semelhantes eventos sociais voltados para a realização do trabalho, mas com algumas especificidades, conforme enumeração a seguir.

O mutirão é uma forma de auxílio que lavradores de determinada região, organizados em grupo, prestam a outro, cabendo ao auxiliado a oferta de uma festa, na qual se incluem refeições, bebidas etc. O trabalho é realizado quando o beneficiado encontra-se sobrecarregado e com dificuldades para a contratação de outros trabalhadores para fazê-lo. Esse recurso pareceu bastante utilizado para a realização de trabalhos com caráter de urgência, tais como as colheitas, visto que o produtor dispunha de curto período de tempo para o aproveitamento dos grãos e a demora poderia acarretar prejuízos. O mutirão é solicitado pelo próprio beneficiado, como explica S1:

> *intão eu saio nos vizinho e falo assim ... ó gente eu tava*

quereno fazê um mutirão tal dia oceis vai lá pra mim ... todo mundo que concordá vai ... só que o mutirão não é fácil pra... também a pessoa faz lá uma boa comida ... quando é de noite dá um baile.

A demão, semelhante ao mutirão, envolve um número menor de lavradores, às vezes, somente um que, sensibilizado com a sobrecarga de trabalho de um comparsa, disponibiliza-se a ajudá-lo na execução de suas atividades, conforme expõe S1, em sua entrevista:

a demão o cumpanheiro aí tá apertado ... aí ele nem aí o cumpanheiro tem dó dele fala ... a eu vou dá uma demão po fulano aí vai trabaia um dia trabaia dois e é desse jeito.

A traição, também destinada à prestação de auxílio, à realização do trabalho de um outro lavrador sob as mesmas condições apontadas acima, tem um caráter de surpresa. Reúne-se um grupo de trabalhadores rurais da redondeza, em segredo; à noite, quando o beneficiado e sua família recolhem-se, o grupo chega em sua residência munido de foguetes, sanfonas, violões, enfim, instrumentos suficientes para a realização de uma animada festa, que se inicia com a chegada dos comparsas. A festa dura toda a noite e é seguida da execução do trabalho, no dia seguinte, em benefício de quem recebeu a surpresa. Essa atividade organizada socialmente foi também explicada por S1:

agora tem a traição (...) *naquela região sempre tinha uns sanfoneiro ... dois treis que naquele tempo quase todo mundo tinha muita influência de tocá viola violão e sanfona* (...) *intão um vizinho daquele saía convidano o pessoal pa í mais aí sigilo ... num vai falá pa fulano não ... aí saía reunia aquele povo ... de preferença na casa distante daquele povo.*

Residem, nessas solidárias formas de presença, aspectos socioculturais próprios de um mundo, hoje, praticamente destituído. Há, nessas co-participações no trabalho, manifestações culturais, indícios de ideologia, de formações discursivas que, sob uma nova vertente, munidos de um instrumental sequer imaginado por esses sujeitos naquela

época, procuram resgatar na condição de Sem-Terra.

Observando ainda o fragmento 1 acima, note-se que o entrevistado emprega a forma pronominal "*a gente*" imputando, em seu discurso, a voz do *Sem-Terra*, englobando o conjunto dos sujeitos componentes do grupo social do qual participa. Elimina-se, nesse uso, a possibilidade de a forma pronominal *a gente* ser considerada um índice de indeterminação, visto que a dêixis insere o sujeito em um contexto. Contraposto ao uso do pronome de primeira pessoa *eu*, o uso de *a gente* não individualiza o sujeito entre os demais, reflete o *status* do grupo.

Nesse fragmento, a presença da cronografia e da topografia, como partes integrantes do discurso na produção de sentidos, pode ser percebida de maneira bastante explícita. Inicia-se com a referência à pessoa – forma pronominal "*a gente*" –; segue-se com a indicação do lugar em que esse sujeito entrevistado encontra-se no momento presente da entrevista e também espaço social que ocupa – advérbio de lugar "*aqui*" –; e, em seguida, a indicação de tempo passado – advérbio temporal "*antigamente*" –, contrapondo-o, imediatamente, à indicação de tempo e lugar presentes – "*hoje*", "*aqui*" –, novamente referenciados pela recorrência ao passado – "*aquele tempo*" –. Os elementos lingüísticos que indicam topografia estão antecedidos, ou seguidos, de elementos lingüísticos que indicam cronografia e vice-versa e evidenciam a existência dos espaços histórico-sociais nos quais o sujeito em observação se inscreve.

O fragmento 2, a seguir, também recortado da entrevista de S1, enunciador apresentado acima, relaciona-se às formas de colaboração no trabalho, resgatando *os costumes antigos*.

Fragmento 2

naquela região sempre tinha uns sanfoneiro ... dois treis que naquele tempo quase todo mundo tinha muita influência de tocá viola violão e sanfona ... hoje em dia o povo até isqueceu disso na região aqui mais ... toda fazenda que a gente chegava tinha três quatro pessoa até mais que era violeiro sanfoneiro (...) intão era esse sistema antigo ... hoje hoje eu ... eu credito que num vai dá mais pa fazê isso que onde vai tê um foco de lavoura assim só se tivé um assento de reforma agrária ... nas fazendas num ixiste mais isso que na fazenda hoje é um

vaqueiro ... o vaqueiro tem que sê vaqueiro e tratorista mesmo intão não tem como fazê isso mais ... a roça foi foi abandonada e morreu aqui na região (S1/p.12)

O discurso em análise, de uma maneira geral, vem repleto de termos que explicitam contrastes entre os diferentes momentos vividos pelos sujeitos, as diferentes formas de ocupação do espaço, tanto o rural como o urbano. Nesse sentido, acentuam-se as contraposições entre tempos distantes, passado e presente, decorrentes das renovações socioculturais ocorridas, com ênfase especial para as mudanças nas condições de produção. Como marcas explícitas dos contrastes, observe-se, no fragmento acima, o emprego dos dêiticos espaciais "*naquela região*" e "*aqui*" e dos dêiticos temporais "*naquele tempo*" e "*hoje em dia*". Opondo-se no discurso, contrapõem diferentes momentos socioculturais que provocam, obviamente, diferentes formas de existência dos sujeitos em observação.

A referência ao envolvimento com a música, como forma de recreação pelos sujeitos integrantes daquele mundo, reflete a existência de um espaço socialmente organizado, em que havia tempo destinado ao lazer. Segundo a perspectiva do enunciador, esse espaço destituído será possível na atualidade somente com a efetivação da reforma agrária, por meio do assentamento dos Sem-Terra. Ressalta-se que a denominação *Reforma Agrária* vem empregada no discurso como sinonímica de Assentamento, de conquista da terra pelos sujeitos em luta.

Observando ainda a contraposição sociocultural efetuada pela referência a tempo e espaço no discurso, as mudanças ocorridas no ambiente rural, nas *fazendas*, apresentam-se como provocadoras da niilização daquele espaço social e, conseqüentemente, dos sujeitos que o ocuparam, o qual procuram fazer reviver. A rememoração do passado revela a emigração das regiões rurais, o abandono provocado por nã o ter ocorrido a renovação das condições de produção, acentuando, no presente, o isolamento de alguns sujeitos naquele espaço. A inexistência de vida rural, que seria assegurada pela presença de grupos sociais em atividade, é designada como morte: "*a roça foi foi abandonada e morreu aqui na região*".

Situam-se nesses apontamentos os registros de um momento histórico, um momento de transição por que passou a sociedade brasi-

leira, resultando, para o sujeito em questão, em anulação de sua forma de existência, em extinção de sua cultura.

Contudo, as experiências passadas, às quais recorrem, apresentam-se como basilares para a construção da nova realidade social que tanto almejam. Servem até mesmo para rejeitarem alguns componentes daquela cultura, conforme pode ser observado no fragmento a seguir.

> Fragmento 3
> *só que tinha naquele tempo era um tipo assim ... que a gente trabalhava ... o fazendeiro... igual muitos fazia igual que ele administrava o que era que a gente fazia ... se a gente ia prantá um arroiz ele queria que a gente prantasse... que exitia o arroiz de quatro meis de cinco meis de treis meis muntos deles falava assim ... tem prantá é esse arroiz aqui ... e nois tamo... além de nois tamo quereno voltá a agricultura que morreu aqui na região ... quereno trabaiá cum liberdade pra nois fazê ... achá o que que nois deve prantá* (S1/p.13)

O dêitico *naquele tempo* conduz o enunciador a uma localização contextual, possibilitando-lhe negar alguns dos aspectos socioculturais de uma época passada para a construção de uma nova realidade social, conforme foi discutido anteriormente. Nessa direção, presentificam-se as condições de produção experimentadas pelo enunciador no passado, refletidas na realização do trabalho, que, mesmo colaborando para a construção do presente, são parcialmente negadas em função da autonomia, da liberdade que esses sujeitos pretendem assegurar no seio da sociedade que integram.

Como ilustração da liberdade buscada para o poder de decisão acerca das próprias condições de produção, o enunciador refere-se à existência de diferentes espécies de arroz, caracterizadas por diferenças quanto à duração do tempo necessário para a produção, que compreende o período do plantio à colheita. Cabia ao proprietário da terra a escolha da espécie a ser cultivada, contrariando, às vezes, a vontade do lavrador.

No fragmento 4, a seguir, evidenciam-se transformações ideológicas, caracterizando a formação discursiva do Sem-Terra, decorridas da interação dos sujeitos marcada por deslocamento espacial no trans-

correr do tempo.

> Fragmento 4
> *juntô e uma turma de cumpanheiro que naquele tempo chamava pião ... hoje ainda tem a tradição do nome pião mais já tá falano mais é cumpanheiro ... esse movimento de reforma agrária já tá mudano muito né (...) num tinha istrada mesmo andava era de a cavalo aqui* (S1/p.15)

Novamente, remetendo-se ao tempo passado, quando ainda habitava um espaço rural socioculturalmente organizado, o enunciador contrapõe termos lingüísticos próprios a diferentes formações discursivas. Referindo-se ao substantivo adjetivo especificador do trabalhador rural, afirma: *naquele tempo chamava pião ... hoje* (...) *tá falano mais é cumpanheiro*, e reconhece que a mudança terminológica deve-se ao *Movimento de Luta pela Terra* empreendido por esses sujeitos.

Os sentidos produzidos pelo substantivo peão, naquele contexto, refletem a existência de um trabalhador rural como peça de uma engrenagem social, ou seja, em um contexto socialmente estruturado, definido. Já para a denominação *companheiro* imputam sentidos adquiridos no contexto da luta. Além de trazer em si a noção de solidariedade, o uso do vocábulo *companheiro* no discurso do Sem-Terra deve-se à presença de integrantes de partidos políticos esquerdistas engendrando a luta. O substantivo companheiro, comumente utilizado como forma de tratamento entre esses sujeitos, apresenta forte aspecto ideológico, decorrente de confrontos entre diferentes forças políticas. O emprego desta terminologia expressa certo caráter socialista, seu uso pelos sujeitos integrantes do grupo de trabalhadores rurais Sem-Terra indica a presença de diferentes formações ideológicas, contribuindo para a formação discursiva desses sujeitos.

Ainda no fragmento 4 acima, outra contraposição é estabelecida pelo enunciador. Refere-se à modernização do espaço físico onde se encontra. A localização e a especificação espacial são efetuadas no discurso pelo emprego do dêitico *aqui*, por meio do qual o sujeito situa-se topograficamente e explicita as renovações ocorridas nesse espaço. Essas renovações expressam-se na construção de estradas para a rodagem de

automóveis, o que substitui o uso do cavalo para o deslocamento entre longas distâncias. São alterações que, na verdade, não decorrem do *Movimento de Luta pela Terra* e nem o provocam, mas estão diretamente vinculadas às transformações sociais que levaram à aparição desse movimento.

O fragmento seguinte, também caracterizado pelo estabelecimento de contraste, evidencia certo bucolismo na forma de existência no passado.

> Fragmento 5
> *sou filho de lavrador aí eu paro pra conversar muito com a mamãe ... e ela resgatar toda a vida que ela teve na infância dela até quando ela casou quando ela criou a gente que a gente tava crescendo que a gente tava rapaizinho já e ela lembrava pra gente de como era vida na roça... o que eles tinham na roça como que eles viviam na roça... e... hoje... e hoje ... aí com aquela conversa toda nós estamo vivendo aquilo que ela viveu antigamente era um porquinho no chiqueiro engordando era a mandioquinha e tal e tal e gastamo pouco dinheiro e é muito interessante* (S9/p.84)

Nesse fragmento, o sujeito informa inicialmente sobre suas origens culturais e toma as experiências de seus pais como basilares para a construção social do presente. O registro de suas recordações da vida rural lembra textos literários característicos do estilo de época denominado Arcadismo, quando o eu-lírico cantava uma casa no campo, com ovelhas pastando.

Nessa perspectiva, o dêitico *hoje*, no discurso, além de situar o sujeito no presente da entrevista, situa-o naquele tempo passado, tornado o presente pelo emprego do advérbio de tempo *antigamente*, reconstruído em função da harmonia que busca para sua vida: *nós estamos vivendo aquilo*. Essa reconstrução do passado compreende mudanças nas atuais condições de produção, pois visam ao abandono de atividades urbanas para a habitação de um espaço natural, onde os gastos necessários para a sobrevivência serão reduzidos.

Na verdade, o sujeito parece desejar abandonar, juntamente com as dificuldades enfrentadas na cidade, os requintes, as possibilidades de diversão, de integração à modernidade, procura para si apenas

uma forma de existir em um espaço em que a mesa seja farta.

Esse desejo de reintegração à vida campestre é expresso por todos os sujeitos em suas entrevistas. A referência ao espaço rural contrapõe-no ao espaço urbano, geralmente, rejeitado pelos sujeitos que, saudosistas, têm a forma de viver, de existir no ambiente rural inerente à sua constituição. O retorno aos valores socioculturais é perseguido como um sonho.

O resgate do passado possibilita aos sujeitos situarem-se na história, por vezes, precisando datas, especificando os momentos em que as transformações sociais tornam-se mais nítidas eliminando-lhes a condição existencial. O avanço da indústria, refletido nas formas de produção agrícola, absorve o espaço sociocultural em que esses sujeitos, hoje Sem-Terra, tiveram existência. A esse respeito observe-se o fragmento 6.

> Fragmento 6
> *naquela época trabalhava mais também esses num fazia conta naquela hora de leite ... nas décadas de sessenta e oito sessenta e nove ... eles num fazia esses num fazia conta de leite intão lá era muito mato né e punha aqueles gado lá mais aquelas que meu pai pudesse amansá que tinha um campo formado o resto era mato intão aquele... aquilo pudia ali tirá o leite né ... e aí mansava aquelas nuvilha que desse mais pa gente tirá o leite mais depois que aí surgiu já ... essa aí foi surgino disnatadeira de leite é dessas coisa de Catupiri né... né ... primero a gente vindia o creme surgiu dismatadeira*
> (S24/p.243)

Esse fragmento evidencia as mudanças nas relações estabelecidas entre os empregados e os empregadores. Tais alterações acarretaram dificuldades para aqueles e resultaram das mudanças sofridas nas condições de reprodução das condições de produção destes. Para que pudessem manter a condição de existência social, os proprietários passaram a necessitar de mais produtos, restando, dessa maneira, menor quantidade para o lavrador.

O emprego do dêitico temporal *naquela época* e dos espaciais *lá* e *ali*, situam o sujeito no tempo e espaço físico-social passados. *Lá* e *ali* referem-se ao mesmo espaço, presentificado no discurso, a partir

do qual se expõem os reflexos das transformações histórico-sociais, já mencionadas anteriormente, decorrentes basicamente das mudanças nas condições de produção, nas formas de realização do trabalho. Nesse processo, as formas de renovação dos meios de produção para o proprietário excluíram o trabalhador braçal, para quem não houve renovação, ou manutenção, das formas de produção. Como afirma Althusser (1992: 53), "uma formação social que não reproduz as condições de produção (...) não sobreviverá".

A industrialização retira do trabalhador as possibilidades de obtenção material próprias ao sustento de sua família. Como exemplo, o surgimento da desnatadeira industrial impossibilita ao lavrador a produção do creme de leite por meio do trabalho manual e ainda desperta no proprietário o interesse por esse produto, visto que, desde então, tornar-se-ia uma fonte de lucro. Com este advento, até mesmo o leite, antes tido em abundância, seria negado ao lavrador. São justamente alterações como essas as responsáveis pela exclusão desses sujeitos do ambiente rural, levando-os, aos poucos, a emigrarem para as cidades, onde não asseguraram as mudanças na condição social vigente.

À Guisa de Conclusão

A observação dos dêiticos espaciais e temporais no discurso do Sem-Terra permite afirmar que o registro do transcorrer do tempo implica o registro do percurso interacional dos sujeitos, marcado por deslocamentos no espaço físico e por mudanças sociais e ideológicas por eles sofridas. A emigração para as cidades propiciou-lhes, pela interação com diferentes sujeitos político-ideológicos, a formação de uma consciência política, bem como formações ideológicas provocadoras de ações rumo às transformações sociais visando à construção de um novo espaço social em que assegurariam sua forma de trabalho e produção. Reside aí o caráter de formações ideológicas que engendram a luta dos trabalhadores rurais Sem-Terra e remetem à formação discursiva peculiar a esse novo grupo social.

A rememoração de um passado, tão presente, apresenta o espaço de memória como condição de seu funcionamento discursivo constituindo um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos; neles, situam

os aspectos socioculturais peculiares à existência desses sujeitos em diferentes tempos presentificados pela constituição do ser Sem-Terra.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Interação Social e Formação Discursiva no Movimento de Luta pela Terra*. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 2001. (mimeo).

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Discurso e Memória: Movimentos na Bruma da História. In: *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP*. Marília: UNESP, 1997. (pp. 45-58).

LAHUD, Michel. *A Propósito da Noção de Dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas - SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise Atutomática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990.

_____. O Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. *O Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999.

SILVA, Luzia Marcia Resende. *Os Trabalhadores em Luta pela Terra no Triângulo Mineiro: 1989/1996*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996. Dissertação de Mestrado. (mimeo).